

ONDE ESTÃO OS TEUS MORTOS?

O morto como patrimônio cultural e um eventual *direito humano* ao morto

Alfredo Culleton
Filosofia Unisinos

*- Deve ser a sementeira
O defendido hectare,
Onde se guardam as cinzas
Para o tempo de semear.*

João Cabral de Melo Neto
(Cemitério pernambucano)

Matar e morrer não parecem ser as coisas mais trágicas na cultura humana, mas, sim, o tratamento que se precisa dar aos mortos. Morrer, porque natural e irremediável; matar porque socialmente se criaram mecanismos e instituições que legitimam essa prática desde o banal acidente até a chamada legítima defesa – própria, de terceiros e do patrimônio – e a da violenta emoção entre outras sofisticadas motivações. Mas o que deve ser feito com o cadáver é o mais traumático.

O tema da morte, ou do morto, assim como o da sexualidade humana, é tão delicado que mal pode ser pensado como objetos de investigação ou pesquisa sistemática. É natural que, por esse motivo, sejam temas favoritos da literatura e da fantasia e, paradoxalmente, sejam das coisas humanas mais regradas socialmente.

É de conhecimento de todos que uma civilização pode ser conhecida a partir dos seus mortos e do tratamento dado a eles. Sabemos igualmente que a nossa antepassada mais próximo no reino animal, a Chimpanzé, e mesmo a Orangotanga¹, diante de um filhote

¹ Um consórcio internacional de mais de 30 cientistas decodificou o sequenciamento completo do genoma de uma fêmea de orangotango de Sumatra, chamada Susie. Eles, então, completaram as sequências de outros 10 adultos, cinco de cada população. “Nós descobrimos que o orangotango médio é mais diverso, geneticamente falando, do que o homem médio”, relatou o chefe das pesquisas, Devin Locke, geneticista evolutivo da

morto, continuam a carregá-lo como se estivesse vivo para depois abandoná-lo; com o fim da amamentação e a volta dos ciclos menstruais normais, termina o apego pelo cadáver, já que as fêmeas podem engravidar novamente². Se entre os animais a morte (o morto) é um evento natural ainda que presumivelmente indesejado quando se trata de iguais, entre os seres humanos é o evento constitutivo da sua cultura, um patrimônio cultural, e é isso o que vou tentar sustentar neste ensaio.

Clássicos tratados de Filosofia Moral, Ética e Fundamentação do Direito destacam a tragédia Antígona de Sófocles como o primeiro registro escrito de uma demanda pela dignidade humana e da primazia da dignidade diante da vida³. Chama a atenção que o morto, que é o tema central desta tragédia grega Antígona, da própria civilização ocidental e do cristianismo, não seja objeto de Direitos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O clássico livro de Philippe Ariés *Sobre a história da morte no ocidente*⁴ mostra o comportamento humano diante da morte. O historiador e sociólogo nos apresenta como se passou, lenta, mas progressivamente, da morte familiar, “domesticada” da Idade Média, para a morte repelida, maldita, “interditada” dos dias atuais. Mas a perspectiva que nos propomos é filosófica, e é a de pensar o próprio conceito ou ideia de relação com essa entidade real e abstrata que é o morto. É este o roteiro que pretendo desenvolver:

Universidade de Washington no Missouri. Os genomas de humanos e orangotangos se justapõem em 97%, enquanto que o de humanos e chimpanzés, em 99%, afirmou. Mas a grande surpresa foi que a população de Sumatra, consideravelmente menor, demonstrou ter mais variações no DNA do que seu primo comum de Bornéu. Embora perplexos, os cientistas disseram que isto pode aumentar as chances de sobrevivência da espécie. “Sua variação genética é uma boa notícia porque, a longo prazo, permite que mantenham uma população saudável” e ajudará a dar forma aos esforços de conservação, explica o co-autor do estudo, Jeffrey Rogers, professor do Baylor College de Medicina. [...] <http://www.criacionismo.com.br/2011/01/dna-do-orangotango-e-97-igual-ao-humano.html>
<http://www.brasilecola.com/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>

² <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u726719.shtml>

³FREITAG, Bárbara. Itinerário de Antígona: a questão da moralidade. SP, Papirus, 1992.

⁴ Philippe Ariés: *Sobre a história da morte no ocidente*. Lisboa, Ed. Teorema, 2011.

- I. Em primeiro lugar vou evidenciar momentos na história em que o trato ao morto foi altamente significativo para a nossa cultura, são os casos de José de Arimateia, da Antropofagia na América, o caso dos Charruas que comeram Solís, os casos dos desaparecidos sob regimes autoritários, os campos de concentração, as repatriação de mortos, San Martín, Perón, Evita.
- II. Em segundo lugar, mostrar a importância da morte em algumas passagens memoráveis da literatura: a começar por Antígona, seguindo com Homero e Shakespeare, Jonathan Swift e João Cabral de Mello Neto, sem tocar, na medida do possível, no cristianismo.
- III. Por último, o morto como *patrimônio cultural* e um eventual *Direito Humano* ao morto (não do morto, ou sim) e o pouco caso dado aos mortos no Brasil.

I

Vou mencionar alguns poucos fatos históricos apenas para ilustrar o tema e, a sua complexidade, e assim ressaltar a sua relevância.

Quando da chegada dos conquistadores nas Américas, um dos mais importantes motivos para considerar os nativos selvagens e incivilizados era o tratamento que algumas das populações locais davam aos mortos, praticando, em alguns casos, a antropofagia.

Um caso memorável foi o de Juan Diaz de Solís, navegador e cartógrafo espanhol que foi capturado e morto pelos Charruas e que teria sido comido por eles na costa do Uruguai. Este tipo de acontecimento seria motivo suficiente para que os conquistadores arguissem a favor da escravização dos nativos, fundados em interpretações que poderiam ser feitas de certas passagens da *Política* de Aristóteles, onde o autor diz que alguns grupos humanos mais se parecem com *feras* e devem ser submetidos à escravidão para serem tornados civilizados. Teóricos religiosos, como Francisco de Vitória e Bartolomé de Las Casas, os defendiam evocando os católicos que na Ceia Eucarística cometem o mesmo ato antropofágico ao se alimentarem do corpo e sangue de Cristo.

Vale destacar um dos pontos cruciais na condenação à morte do judeu Jesus de Nazaré: foi a sua posição ao respeito do destino do corpo depois da morte que se tornará dogma de fé para os cristãos no Concílio de Nicéia na fórmula “creio na ressurreição da carne”.

Lembremos uma figura coadjuvante no cenário da tradição cristã, José de Arimateia (Jo, 19, 38). Foi ele quem mediou o sepultamento de Jesus que, como os outros, inclusive os dois ladrões, teria sido deixado pendurado no Monte das Caveiras (Calvário) para ser devorado pelos abutres.

Já a repatriação tem sido em toda a história do ocidente um tema importante e delicado do direito e da política internacionais, na tensão entre o suposto direito do morto, o direito dos vivos com relação ao cadáver e o da própria natureza que com uma rapidez assustadora quer absorver (ou reincorporar: “lembra-te homem que és pó, e em pó te hás de tornar / *memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris*”) o corpo do defunto ao ecossistema local.

Na história argentina, têm-se casos mais delicados ainda quando se trata de figuras destacadas que morrem no exílio, como José de San Martín, Juan Manuel de Rosas, ou o Eva Duarte de Perón (Evita). Esta morreu na Argentina, mas o marido levou seus restos mortais a Espanha durante o seu exílio, e mais tarde os trouxe de volta a Argentina para os colocar no cemitério da Recoleta.

Também a profanação do túmulo do mesmo Juan Domingo Perón, em 1987, quando teve uma das mãos roubadas. Ou o caso de Jorge Luis Borges que desejou ser sepultado no cemitério de Plainpalais, em Genebra, para ira dos nacionalistas argentinos. Nesse mesmo cemitério jazem os restos do filósofo e diplomata brasileiro Sergio Viera de Mello morto num atentado no Iraque, em 2003, quando prestava serviços para a ONU, figura esta inexistente até então para a maioria dos seus compatriotas.

Meus 30 anos de Brasil não registram lembranças dessa natureza a não ser alguma discussão quando do trágico desaparecimento de Ulisses Guimarães ou da repatriação do corpo do ex-presidente brasileiro João Goulart que morreu no Uruguai. Na história do Brasil encontramos a tentativa do Don Pedro II de trazer para o Rio de Janeiro os restos de Pedro Álvares Cabral e a repatriação do mesmo Dom Pedro II ao Brasil, em 1939, por Getúlio Vargas, para ser enterrado no mausoléu da Catedral de Petrópolis.

Com dificuldade, fiz uma rápida pesquisa sobre o paradeiro de algumas figuras da história brasileira. Encontrei uma estranha dispersão. Na longínqua cidade de São Borja, no interior do Rio Grande do Sul, quase ‘fora do país’, Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel de Moura Brizola.

Pouca gente sabe que Juscelino Kubistchek foi enterrado em Brasília, duas vezes, uma no cemitério Campo da Esperança e, posteriormente, no Memorial JK.

Tancredo Neves está em São João del Rei. Ao procurar o paradeiro de Oswaldo Aranha, uma das figuras mais importantes na internacionalização do Brasil de pós-guerra – que por ter sido um dos articuladores da criação do estado de Israel foi homenageado emprestando seu nome a uma rua em Tel Aviv – não consegui descobrir onde estão os seus restos mortais.

Há alguns escondidos no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, como o Júlio de Castilhos e o Borges de Medeiros. Também de João Pessoa – polêmico político nordestino, vice-presidente de Getúlio Vargas, assassinado na confeitaria Glória, no centro de Recife, pelo seu adversário político João Dantas, em 1930 – não descobri o paradeiro.

Dom João VI está no Panteão dos Bragança em Lisboa, e Luis Alves de Lima e Silva, o tenebroso Duque de Caxias, num panteão dedicado a ele no centro do Rio de Janeiro.

Também no Rio de Janeiro, mas desta vez na praça Paris, descansam os restos de Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do Brasil. Assim coloquei, fora da ordem alfabética, cronológica ou ideológica, para representar a confusão amnésica e a dispersão geográfica.

Sobre os casos dos desaparecidos sob regimes autoritários, basta recordar o quanto foi difícil para os repressores livrar-se dos corpos⁵ e quão exaustiva foi a busca dos familiares pelo destino dos seus cadáveres.

Não vou comparar o tratamento dado aos mortos por outros povos e culturas com os quais nos esforçamos tão empenhadamente em nos parecer por considerá-las referências acadêmicas, políticas e culturais; isto seria cansativo e deselegante.

⁵ No dia 15 de dezembro de 2011 a OEA (Organização dos Estados Americanos) entregou à justiça argentina 130 fotos de corpos encontrados na costa uruguaia correspondentes a vítimas dos “vãos da morte” acontecidos durante as ditaduras na Argentina na década de ’70.

Mas bastará visitar, pessoal ou virtualmente, alguns cemitérios, como o Cemetiere Du Pere Lachaise⁶, em Paris, a abadia de Westminster⁷, as catacumbas romanas e alguns dos memoriais norte-americanos para ter uma ideia do que os mortos significam para essas culturas.

II

Vou lembrar algumas passagens memoráveis da literatura universal que nos ajudam a entender a densidade do tema. No caso de Antígona o mito grego relata a disputa entre Creonte e Antígona a respeito do destino que deve ser dado ao corpo de irmão de Antígona, Polinice.

Creonte proíbe, sob pena de morte, de dar sepultamento a Polinice. A irmã debate longamente com Creonte, que representa a lei, e com as amigas, que representariam o senso comum, o destino que deve ser dado ao cadáver do irmão.

Contrariamente a estes dois, assume perder a própria vida para dar sepultamento ao morto em nome de uma dignidade que todo ser humano teria, independentemente da sua moralidade. Este mito grego, que na versão de Sófocles data do ano 490 A.C., é representado, comentado e publicado até os nossos dias, inclusive em lugares distantes dos grandes centros culturais do Ocidente, precisamente porque o conflito que apresenta está longe de ser resolvido.

O problema que o texto suscita não é o de uma suposta dignidade espiritual ou religiosa da pessoa, mas de uma dignidade material do corpo morto.

Ainda entre os gregos vale destacar algumas passagens da Odisseia de Homero, ele próprio, o primeiro ocidental. Muitas são as leituras que podem ser feitas do texto de Homero, mas o que desejo fazer aqui é um resgate daquelas passagens que dão sentido à morte e ao corpo morto.

Odisseu é conhecido ao mesmo tempo por aceitar os limites da natureza e empurrar esses limites que a mesma natureza lhe impõe. O gesto decisivo do seu registro na história de ocidente reside na sua rejeição à imortalidade: essa rejeição afirma seu vínculo com a humanidade e a aceitação dos limites da sua condição de humano, a finitude, a morte como fim último do homem e nessa aceitação a sua transcendência.

⁶Tour virtual no site: <http://www.pere-lachaise.com/perelachaise.php?lang=en>

A personagem Homérica se enfrenta com duas tentações opostas que o ilustram e caracterizam perfeitamente naquilo que nos interessa. Por um lado, rechaçando a morte resultante do canto das Sereias, e, por outro, rejeitando a imortalidade na oferta de Calipso. Ambas as passagens só se entendem quando ele faz a visita aos mortos que lhe indicam o caminho para casa. Rejeita a imortalidade e luta tenazmente contra a morte.

No caso do Canto Quinto, vemos o pesar de Odisseu diante do apelo de Calipso que intercede perante os imortais não só pela sua imortalidade como por uma imortalidade com juventude:

“sua doce vida se consumia sonhando com o retorno pois já não lhe agradava a ninfa, ainda que passasse as noites pela força na côncava cova junto à que o amava sem que ele a amara. Durante o dia sentava-se junto às pedras da beira do mar desgarrando seu ânimo com lágrimas, gemidos e dores, e olha o estéril mar derramando lágrimas.” 5: 150-160

O que Calipso mediava não era pouco; o lugar era um verdadeiro paraíso com parreiras, fontes de água fresca, floridos bosques, aves de longas asas, sem falar dela própria, *a de formosas tranças, divina entre as deusas* e que o amava. Ela acaba aceitando a sua vontade, mas o adverte: *Então queres partir para a tua casa e a tua terra pátria? Vai em boa hora. Mas se souberes quantas tristezas te deparará o destino antes de que chegues à tua pátria, ficarias aqui comigo para guardar esta morada e serias imortal por mais desejoso que estiveres de ver a tua esposa, à que continuamente desejas todos os dias.*

Odisseu sabe muito bem o quanto Penélope é inferior a Calipso; diz: *uma é mortal a outra imortal*. Quer a mortal. Ainda no Canto Quinto, com a ajuda da *divina entre as deusas* fabricar uma balsa bem resistente, com madeira nobre, boas velas tecidas pela própria Calipso, um leme firme, provisões suficientes, consegue partir com ventos suaves e favoráveis. Depois de dezessete dias de magnífica navegação, o décimo oitavo foi catastrófico quando encontra uma nova irada tempestade. Recorda a profecia de Calipso e diz: *Oxalá houvesse morto eu e assim teria me enfrentado com meu destino o dia em que tantos troianos lançaram contra mim lanças... aí teria obtido honras fúnebres e os áqueos celebrariam a minha glória.*

É esta a criação homérica: detestar a imortalidade e detestar morte. Não quer morrer, rejeita os dois tipos de morte: rejeita a morte, rejeita dar a vida como no caso de

⁷ Tour virtual no site: <http://www.request.org.uk/main/churches/tours/westabbey/tour.htm>

Sócrates pelo saber, no caso das Sereias que cantam: “*vem aqui famoso Odisseu, e faz deter a tua nave para que possas ouvir nossa voz, a doce voz das nossas bocas, pois sabemos tudo de quanto os aqueus e troianos fizeram...sabemos quanto acontece sobre a terra fecunda*”

Dirá ele: *Então meu coração desejou ouvi-las e ordenei a meus companheiros que me soltassem fazendo-lhes sinais com as minhas sobrancelhas, mas eles se curvavam para a frente e remavam.* Rejeita também a morte nos naufrágios, detesta morrer em mãos da natureza, em mãos do destino, em mãos dos humores dos deuses; também não quer o fim nas mãos das deliciosas substâncias que lhe oferece Cirse e das que desfrutou, nem morrer heroicamente nas mãos do Ciclope, que poderia representar qualquer um dos nossos conhecidos totalitarismos, não é o herói que dá a vida por seus amigos.

O sentido é outro e vai buscá-lo no *decensus ad inferos*, no Canto Sexto quando por orientação de Cirse, oferece libações para os defuntos, primeiramente com leite e mel, depois com deliciosos vinhos, e em terceiro lugar com água; por último *espargi por cima*, diz Odisseu, *branca farinha*. Depois sacrificou o gado. *Então começaram a se congregarem as almas dos defuntos*, aí o autor descreve os grupos, ternas donzelas, anciãos, mortos em guerras, *andavam a um e outro lado do fosso, com um clamor sobrenatural e de mim se apoderou o pálido terror.*

Num momento ele tem que tirar a espada porque os mortos o importunam. O primeiro a chegar para lhe falar é seu companheiro Elpenor, *pois tinham abandonado seu cadáver, não chorado e não sepultado*. Este lhe conta sobre as circunstâncias da sua morte⁸, e lhe faz uma súplica que resumidamente é esta:

Te peço, soberano, que te lembres de mim lá, que não te afastes me deixando sem chorar nem sem sepultura, não seja que me converta para ti numa maldição dos deuses. Constrói uma tumba para mim sobre a beira do mar para que o saibam também os viandeiros. Cumpre isto e crava no meu túmulo o remo com o qual eu remava quando

⁸ Elpenor, integrante do contingente de [Ítaca](#) que foi à guerra de [Troia](#) sob o mando de [Odisseu](#) é remeiro, o mais jovem da tripulação. Foi daqueles que Circe metamorfoseou em porco. A noite anterior à partida de Odisseu e os seus, Elpenor excedeu-se no vinho e dormiu a bebedeira no telhado do palácio da feiticeira. Na manhã seguinte, sob os efeitos da ressaca caiu do alto e faleceu. Ao regressar à morada de Circe, na Ilha de Ea recuperam o seu cadáver, o choram e celebram exéquias. Finalmente é queimado e levantam um túmulo coroado pelo remo que em vida manejava.

estava vivo, quando estava entre meus companheiros. O remo é essa extensão da vontade sobre a natureza.

Imediatamente depois, o encontro com a sua mãe; depois com o Rei Tebano Tirésias que o repreende: *Filho de Laertes, de linhagem divina, rico em engenho, por que viestes, desgraçado, abandonando a luz de Hélios, para ver os mortos e este lugar carente de gozos?* E proclama a mais terrível profecia que me parece o momento mais forte de toda a obra. Dize-lhe que chegará a Ítaca, *ainda que depois de muito sofrimento*, que perderá navio e companheiros, chegará mal e em nave alheia, *encontrará desgraça em casa, uns homens insolentes que te comem tua comida, que pretendem tua divina esposa e lhe entregam presentes esponsais... mas, com tudo, vingará ao voltar as violências de aqueles. Depois... toma um remo bem fabricado, e ponte a caminho até chegar aos homens que não conhecem o mar, que não conhecem as naves vermelhas* (isto é difícil na Grécia, deve significar um lugar isolado e interior)... *quando um caminhante saia ao teu encontro e te diga que levas um bieldo (forquilha) sobre teu esplêndido ombro, crava em terra o remo, realiza sacrifícios, volta a casa, realiza hecatombes aos deuses imortais. E então te chegará a morte fora do mar, uma morte muito suave que te consuma esgotado sob a suave velhice.* Não profetiza glória, conquistas. Profetiza, sim, sofrimentos, sacrifícios e uma morte muito suave vinda do mar. Uma morte de imortal.

A conversa com a sua mãe é comovente. Enchem-se mutuamente de perguntas e ela o interroga sobre sua presença: *Tens vindo errante desde Troia? Não tens chegado ainda a Ítaca? Não tens visto no palácio a tua esposa?* Ao que ele responde: *A necessidade tem me trazido a Hades; ando errante e não consigo chegar a Ítaca.* Só os mortos permitem que ele se encontre, encontre a sua Ítaca, a sua intimidade, o seu lugar, o seu sentido.

Se Homero só pode encontrar Ítaca depois de ir ao encontro dos mortos e ouvi-los, o outro sobrevivente de Troia, Enéias, na obra de Virgílio, não volta a sua origem, mas sai para conquistar um novo mundo, o Lácio, onde sentaria as bases do império Romano.

Mas para tanto sai de Troia levando a sua esposa Creusa, o filho Ascânio e seu velho pai, Anquises, que ele em pessoa carrega nas costas; na verdade, com um moribundo que só será enterrado ao chegar na Sicília. A discussão é sobre por que carregar um morto para terras novas? Nada pode ser sério e duradouro sem mortos, será a resposta. Todo o

Livro V da Eneida é dedicado a uma minuciosa descrição dos jogos fúnebres organizados por Enéias para a celebração do primeiro aniversário da morte de Anquises. Para esses longos ritos, dignos de um rei, ele volta a Sicília.

Mesmo que a obra mais popular do Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*, possa ser lida como um livro de aventuras para crianças, o autor é conhecido como o maior dos satiristas britânicos e mesmo nesta obra seu objetivo é expor o universo das imperfeições humanas.

O autor, nascido em Dublin em 1667, diplomático graduado no Trinity College, escreve, em 1729, uma corrosiva paródia de artigo científico, escrito por um presuntivo estudioso que julga o canibalismo a resposta mais sensata para a erradicação da pobreza, chamado *Modesta proposta*⁹, publicado no Brasil na bela e delicada coleção *Pequenos Frascos* da Editora UNESP.

Curiosa é a lápide que ilustra o seu túmulo na Catedral de Saint Patricks, em Dublin, que reza: *Aqui jaz o corpo de Jonathan Swift... onde a colérica indignação não poderá mais dilacerar-lhe o peito. Vai, passante, e imita, se puderes, esse que tudo empenhou pela causa da Liberdade.*

O caso da curiosa *proposta* é o de um suposto pesquisador preocupado com a situação de pobreza de vastos setores da sociedade irlandesa e da abastada situação dos nobres ingleses. Pragmática e realisticamente, depois de fazer um levantamento objetivo da situação do país onde vê *as ruas, as estradas ou a soleira dos casebres apinhadas de mendigas seguidos por três, quatro ou seis crianças, todas em andrajos e importunando todos os transeuntes pedindo esmolas...*, considera que *quem quer que descobrisse um meio justo, fácil e barato de tornar essas crianças membros úteis e saudáveis da nação mereceria uma estátua de Salvador da Patria.*¹⁰

A seguir argumenta: *Um americano muito entendido, conhecido meu em Londres, assegurou-me que uma criancinha saudável e bem tratada é, com um ano, um alimento realmente delicioso, nutritivo e complexo, seja cozida, grelhada, assada ou fervida; e não tenho duvidas de que possa servir igualmente para um guisado ou um ensopado. A*

⁹ Swift, Jonathan. *Modesta proposta e outros textos satíricos*. Tradução de José Oscar de Almeida e Dorothée de Bruchard. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

¹⁰ P. 19 e 20.

proposta que, portanto, humildemente ofereço à apreciação do público é que das cento e vinte mil crianças calculadas, vinte mil fossem reservadas para a reprodução, das quais uma quarta parte apenas fosse de machos, o que é mais do que admitimos para ovinos, bovinos ou suínos; e meu argumento é que essas crianças raramente são fruto do matrimônio, circunstância não muito levada em conta por nossos selvagens, sendo portanto um macho suficiente para servir a quatro fêmeas. Que as cem mil restantes fossem, com a idade de um ano, colocadas à venda para pessoas de bem e fortuna em todo o Reino, sempre se aconselhando às mães que as deixem mamar abundantemente durante o último mês de modo a torná-las gordas e rechonchudas para uma boa mesa... Calculei que uma criança recém-nascida pesa em média umas doze libras e que, num ano solar, razoavelmente bem cuidada, aumentaria para vinte e oito libras.

O texto de Swift segue nesse tom repugnante supondo poder demonstrar estar apenas propondo sacrificar alguns em benefício da maioria, agregando valor a algo que não teria valor nenhum. Proporá a otimização dos corpos dos mortos para produzir alimento para outros animais que, posteriormente, seriam consumidos por humanos, atacando diretamente o problema da fome que assola a nação; nada mais moderno, prático e econômico.

É evidente que o autor brinca com um sagrado que a modernidade se empenha em negar. O mesmo que Nietzsche faz ao anunciar a morte de Deus, ele está querendo que os homens assumam a radicalidade da sua ideologia. No caso de Nietzsche, de que é possível a felicidade sem Deus, e no caso de Swift, o pragmatismo.

III

As referências literárias antes postas têm por finalidade tornar evidente ao leitor que o morto, não a memória do morto, mas o próprio corpo do morto é um bem cultural, por ser constitutivo da identidade não só de qualquer ser humano vivo, mas da identidade de uma sociedade.

Desde a Sociologia sabemos que um dos elementos que diferenciam uma criança de um adulto é a sua relação com a morte. Enquanto para uma criança matar gente pode ser um jogo de *Videogame* ou *Playstation*, em que os corpos dos mortos somem da tela uma vez dessangrados, os adultos progressivamente começam a desgostar desse tipo de jogos,

preferindo os de competitividade entre iguais. Os corpos dos mortos parecem ser mais reais que os dos vivos, produzindo naquele que se relaciona uma pergunta sobre a própria identidade que vai se constituindo a cada novo morto. Por isso, o corpo morto é um patrimônio cultural.

O modo como essa relação se estabelece, ou se nega, e quais são os corpos mortos com os quais uma sociedade se considera digna de relação, é o que diferencia uma sociedade da outra, e o que a constitui.

Se são os gloriosos, se são os virtuosos, se são os poderosos ou se são os midiáticos, a morte é sempre um fracasso, onde morrer é considerado um mal em si mesmo que deve ser evitado a qualquer custo e não existe a possibilidade de uma *boa morte* a não ser uma morte rápida e indolor.

Todos estes modos de se relacionar com o morto constituirão identidades culturais diferentes.

Podemos chamar de natureza humana àquilo que encontramos concretamente em todas as sociedades humanas, mesmo com identidades diferentes.

Por exemplo, em todas as sociedades humanas encontramos algum tipo de restrição ao exercício da sexualidade, mesmo que essas restrições e normas variem de cultura para cultura.

Igualmente, em nenhuma sociedade se permite matar outro ser humano sem uma justificativa bem definida, ou em toda sociedade há uma ideia de respeito e inviolabilidade para com um certo *meu* e *teu*; este meu ou teu mudará de uma cultura a outra, e mesmo dentro de uma cultura, assim como um *certo* e *errado* institucionalizado com punições previstas para cada caso.

Não foram instituídos arbitrariamente de uma hora para outra por vontade de uma autoridade, mas são construções coletivas, resultado de conflitos e disputas que culminaram em determinadas práticas, que dão conta dessa natureza comum e concreta a todos os seres humanos.

Por isso, são bens culturais, porque constituem e preservam através dessa identidade própria a espécie humana. A fragilização dessa identidade leva essa cultura a sua dissolução e transformação em outra.

Por isso o direito não explicitado na Declaração Universal ao culto aos mortos, o direito de tratá-los conscientemente e ser educado nesse bem cultural específico, assim como somos educados, bem ou mal, no trato com a propriedade, a violência e a sexualidade, é importante.

É um Direito Humano, não porque esteja explicitado numa Declaração ou Pacto, mas porque constitui e agrega valor a uma sociedade.
